

## APRESENTAÇÃO

Entre os dias 23 e 25 de outubro de 2018, a Faculdade de Direito da UFMG recebeu a XI Reunião Científica do Grupo de Pesquisa Trabalho Escravo Contemporâneo (GPTEC). O evento reuniu 42 pesquisadores das cinco regiões do país e das mais diversas áreas do conhecimento (Direito, Administração, TI, Comunicação, Educação, Sociologia, História, Psicologia, Saúde coletiva e Serviço social), além de convidados da Itália e dos Estados Unidos.

A reunião é uma iniciativa do GPTEC, fundado pelo professor Ricardo Rezende há quase duas décadas. Professor Ricardo é padre e foi missionário no Norte e Nordeste do país, quando conheceu de perto a realidade de alguns dos milhares de trabalhadores submetidos à condição análoga à escravidão. Desde então, tem se debruçado sobre o tema e ao retornar à academia, fundou o grupo com o intuito de reunir pesquisadores que estivessem desenvolvendo e estudando o assunto, promovendo encontro anual para debater as pesquisas e auxiliar na disseminação e na difusão do conhecimento e da produção acadêmica.

A Clínica de Trabalho Escravo e Tráfico de Pessoas da UFMG (CTETP), criada em 2015 e calcada no tripé universitário do ensino, pesquisa e extensão, participa anualmente das reuniões científicas, enviando alunos e docentes para apresentarem suas pesquisas e trabalhos.

No ano de 2018, a CTETP teve a honra de receber o evento em Belo Horizonte, conduzindo os trabalhos juntamente com o GPETC. Foram três dias intensos de muito trabalho, com discussões profundas, inovadoras, cheias de vigor e permeadas de esperanças de um futuro livre do trabalho escravo contemporâneo.

As palestras magnas de abertura foram proferidas pelos professores Ricardo Antunes (UNICAMP) e Sueann Caulfield (Universidade de Michigan), sendo precedidas pelo espetáculo da trupe a Torto e a Direito, projeto também oriundo da UFMG, e que trouxe, em forma de peça teatral, brilhante crítica sobre o trabalho escravo contemporâneo.

O evento contou ainda com a exibição de documentário inédito sobre o trabalho escravo de meninas e meninos para exploração sexual e uma mesa redonda com os atores institucionais que atuam no combate ao trabalho escravo contemporâneo em Minas Gerais: Dra. Adriana do Ministério Público do Trabalho; Dr. Marcelo Campos da Secretaria do Trabalho, Dra. Luciana Conforti da Justiça do Trabalho, Dr. Helder do Ministério Público Federal e Dr. Carlos Haddad da Justiça Federal.

Ao longo dos três dias, os pesquisadores apresentaram seus trabalhos sobre os mais variados temas concernentes à escravidão contemporânea.

Teve análise tecnológica com cruzamento de dados e financiamentos de campanhas eleitorais, teve aula sobre dendê e cultura africana, debate sobre trabalho decente e as perspectivas empresariais e muito aprendizado sobre políticas públicas e posicionamentos jurisprudenciais e institucionais. Teve mesa sobre o trabalho escravo contemporâneo na esfera penal e uma tarde de relatos sobre casos concretos de trabalho escravo no Brasil, demonstrando que, de Norte a Sul, de Nordeste ao Sudeste, passando pelo Centro Oeste, seja nas atividades da cana-de-açúcar ou nos trabalhos dos modelos fotográficos, seja na cana-de-açúcar ou nos cruzeiros marítimos, o problema persiste. Foram feitas, também, análises históricas e educacionais, sociológicas e jurídicas, geográficas e tecnológicas. Debateu-se sobre o passado, o presente e o futuro do tema, cuidando-se ainda das questões correlatas da terra, do meio ambiente e da reforma agrária.

Ao final dos três dias, constatou-se que, de Campinas aos Estados Unidos, da História à Sociologia, existem pesquisadores preocupados em tratar do tema com a seriedade e a profundidade que ele demanda. O fruto de toda essa efervescência intelectual está nessa Edição Especial da Revista da Faculdade de Direito da UFMG. Nas próximas páginas, o leitor encontrará os trabalhos de professores doutores apresentados na XI Reunião Científica e que foram desenvolvidos e aperfeiçoados pelos debates promovidos no encontro.

Será possível verificar a vastidão do tema e a preocupação dos pesquisadores em trazer à tona realidade ainda pouco visibilizada, mas que deve ser revelada para que se projetem políticas públicas e instrumentos jurídicos mais eficientes para o combate e a erradicação, em definitivo, da escravidão contemporânea no Brasil. O que as páginas a seguir contam é apenas o pedaço visível e tornado letra de tudo que foi vivenciado entre os muros da Faculdade de Direito da UFMG naqueles dias de outubro de 2018. As palavras ganham agora o mundo para que o objetivo de disseminar e difundir o conhecimento e a produção acadêmica seja cumprido.

O que as páginas a seguir não contam, mas que nos sentimos no dever de fazê-lo é que, para além dos resultados técnicos, a Reunião proporcionou-nos a oportunidade de ver nossos alunos aprenderem não apenas sobre as leis, os atos normativos e a jurisprudência. Permitiu a eles aprender a lidar com imprevistos e com pessoas, com erros e com acertos. Enfim, aprender sobre a vida e sobre o que os aguarda fora dos bancos e das salas de aula.

O que as páginas a seguir contam, seja por meio de estudo de caso, análise da jurisprudência ou resgate histórico são as histórias de milhares de

trabalhadores brasileiros a quem tudo é negado, inclusive a dignidade. O que as páginas não contam é que o evento realizado na Vetusta naqueles dias de outubro de 2018, só foi possível graças ao trabalho de diversas pessoas, dentre elas os Cozinheiros de Rua e o Washington Silvestre, o pipoqueiro poeta, além dos estagiários e advogadas da Clínica.

Os primeiros deixaram a lição de que é possível oferecer esperança a quem já não mais achava que havia futuro. O segundo deixou um presente (feito de surpresa, declamado no dia e inspirado pelo tema) que fazemos questão de compartilhar:

Houve treva nos corações humanos  
E sempre existirá,  
Porém em alguns corações  
A luz grita em prol das igualdades.  
O trabalho enobrece a alma faminta  
Enquanto a escravidão, exploração  
E a ganância humana  
Tiram dos homens os sonhos mais nobres...  
Hoje não tem as correntes,  
Os grilhões, os troncos, os açoites,  
E as senzalas; tem a terceirização!  
Que alguns chamam de “mão de obra barata”  
Aquele operário que carrega  
O progresso nas costas!  
Porém um dia se ouvirá um grito,  
Uma luz, um sonho.  
No coração da nobre  
Igualdade social.

Washington Silvestre, o pipoqueiro poeta que agora é poeta pipoqueiro, eternizado nessas páginas, e os Cozinheiros de Ruas são esses trabalhadores simples que habitam nossas cidades, ruas e cotidianos e para os quais a universidade pública e o Direito devem sempre voltar os seus olhos.

Afinal, de nada adianta todo o conhecimento produzido se ele for encastelado. É preciso extrapolar os muros, levando-o aos seus reais destinatários e, simultânea e concomitantemente, é preciso abrir-lhes as portas daquela que é nossa, mas também é de todos, Vetusta Casa de Afonso Pena.

LÍVIA MENDES M. MIRAGLIA

CARLOS HENRIQUE B. HADDAD

